

Artigos Multitemáticos

**Chamas reveladoras: O fogo de Santelmo
e outros fenômenos naturais na literatura portuguesa de viagens**
**Revealing flames: Saint Elmo's fire and other natural
phenomena in Portuguese travel literature**

JORDAN JONES¹

Resumo: Neste texto, analiso as descrições e interpretações de vários fenômenos naturais que aparecem na literatura portuguesa de viagens dos séculos XVI e XVII: a tromba marítima, o fogo de Santelmo, a bioluminescência e o «*halos* lunar». Este trabalho emprega o *Roteiro de Lisboa a Goa* de D. João de Castro como arcabouço, comparando suas descrições destes fenômenos às de *Os Lusíadas*, *História trágico-marítima* e *The first voyage round the world* (de Antonio Pigafetta), entre outras. Ao analisar essas fontes históricas e literárias, pretendo demonstrar que o tom da descrição dos fenômenos naturais pode ser uma indicação clara do propósito do autor em cada texto — um microcosmo da abordagem adotada e dos argumentos criados pelo autor, refletindo sua ótica política ou social no Portugal dos séculos XVI e XVII.

Palavras-chaves: Literatura portuguesa de viagens; fogo de Santelmo; fenômenos naturais; D. João de Castro.

Abstract: In this text, I analyze the descriptions and interpretations of various natural phenomena that appear in the Portuguese travel literature from of the 16th and 17th centuries: waterspouts, St. Elmo's fire, bioluminescence, and lunar halos. This text employs D. João de Castro's *Roteiro de Lisboa a Goa* as an outline, comparing Castro's descriptions to those in *Os Lusíadas*, *História trágico-marítima*, and Antonio Pigafetta's *The first voyage round the world*, among others. By analyzing these historical and literary sources, I intend to show that the tone used in describing the natural phenomena can be a clear indication of each author's purpose in his text — a microcosm of the approach adopted and of the arguments created by the author, reflecting his political or social outlook in sixteenth or seventeenth-century Portugal.

Keywords: Portuguese travel literature; St. Elmo's fire; natural phenomena; D. João de Castro.

¹ Brigham Young University (USA). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0249-174X>.

«Look aloft!» cried Starbuck. «The corpusants! the corpusants!»
 All the yard-arms were tipped with a pallid fire;
 and touched at each tri-pointed lightning-rod-end
 with three tapering white flames, each of the three
 tall masts was silently burning in that sulphurous
 air, like three gigantic wax tapers before an altar.
 [...]
 «Aye, aye, men!» cried Ahab. «Look up at it; mark
 it well; the white flame but lights the way to the
 White Whale!
 (Melville, 1851: 119)

O Corpo Santo, também conhecido como o «fogo de Santelmo», é um fenómeno natural registrado em muitos textos literários e históricos, inclusive nesse famoso trecho de *Moby Dick*, o texto épico de Herman Melville. Esse e outros fenómenos naturais aparecem na literatura portuguesa de viagens dos séculos XVI e XVII e são retratados de perspectivas divergentes. Um dos textos em que mais abundam referências a esses processos naturais é o *Roteiro de Lisboa a Goa*, publicado por D. João de Castro no final dos anos 1530 e relançado com notas e observações adicionais antes de sua morte, em 1548. Este trabalho emprega o texto de Castro como arcabouço, já que é o único texto que aborda todos os fenómenos discutidos neste trabalho: a tromba marítima, o fogo de Santelmo e alguns outros fenómenos naturais vistos nas suas viagens. Ao analisar essa e outras fontes históricas e literárias, pretendo demonstrar que a abordagem adotada na descrição dos fenómenos naturais pode ser

uma indicação clara do propósito do autor em cada texto – um microcosmo da abordagem adotada e dos argumentos criados pelo autor.²

Começemos por analisar a tromba marítima, fenómeno em que ventos fortes criam uma espécie de tornado na superfície do mar. No seu *Roteiro de Lisboa a Goa*, Castro descreve uma tromba marítima que aparece rumo à Índia. Ele a descreve de maneira muito científica, descrevendo em muito detalhe o que a água faz e como sua aparência muda ao longo da sua existência – de «hum quarto de hora» (Castro, 1882: 284). Ele inclui no *Roteiro* um desenho da tromba marítima, o que é muito útil para o leitor e lhe dá (o quanto possível) a sensação de ter visto o fenómeno pessoalmente (ver Fig. 1).

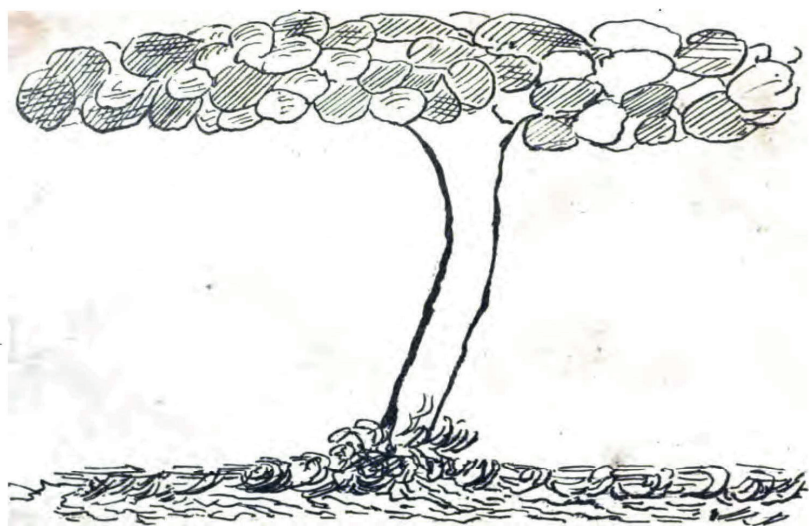


Fig. 1 – Desenho da tromba marítima incluído no *Roteiro de Lisboa a Goa*, por D. João de Castro (1882: 284).

² Agradeço a Nuno Crato pelo excelente trabalho «St. Elmo's fire in the literature of journeys» (2005), encontrado no site do Instituto Camões, que enumera muitas das referências históricas ao fogo de Santelmo que analiso aqui.

O estudioso Vasco Graça Moura, escrevendo em 1987, alega que a descrição de Castro é tão pormenorizada e visual que permitiu que Camões escrevesse n'Os *Lusíadas* a famosa linha «Vi, claramente visto», ao descrever a tromba marítima — a «roxa sanguessuga» que «[c]hupando mais e mais se engrossa e cria» antes de se fartar e desfazer-se em chuvas fortes (Camões, 1572: V, 18-23). Graça Moura questiona a suposta originalidade de Camões, explicando que a linguagem dele é muito parecida à de Castro e afirmando que Camões usou o *Roteiro* como fonte de inspiração, mesmo que não seja possível comprovar isso.³ Independente de Camões ter usado o texto de Castro ou não, a inclusão do fenômeno no seu poema épico é importante, pois representa um desvio da narração e do estilo do autor em outras partes do texto. Os *Lusíadas* está cheio de referências mitológicas e de façanhas grandiosas, mas a descrição da tromba marítima (e a do fogo de Santelmo, que será discutido mais tarde) é diferente, pois Camões afirma que ele realmente viu esses fenômenos e que existem de verdade, enquanto não tenta seriamente convencer o leitor de que Vénus e outros deuses realmente tenham ajudado

Vasco da Gama e os portugueses na sua viagem.⁴ Entendemos que o enredo d'Os *Lusíadas* é em grande parte uma alegoria e que as lutas dos deuses greco-romanos são metafóricas. Mas, no Canto V, Camões muda seu tom e se baseia na experiência vivida e vista (com a exceção do episódio com Adamastor, é claro). Ele descreve várias «Coisas do mar, que os homens não entendem» (V, 16) e afirma que os que não viram essas coisas «Julgam por falsos, ou mal entendidos» (V, 17). Aqui a experiência é valorizada acima de outras formas de conhecimento e é usada para reiterar que esses acontecimentos são verídicos, o que separa e distingue esse canto dos outros.

Camões afirma que, «se os antigos filósofos» tivessem visto estes fenômenos, “Que grandes escrituras deixaram!”» (V, 23). Não existe (que este autor saiba) nenhum outro registro da tromba marítima na viagem de Gama, nem do fogo de Santelmo. Então por que é que Camões decide incluir esses fenômenos no seu poema épico? Não podemos saber com certeza, mas é possível que ele tenha querido embelezar o poema com acontecimentos naturais, além dos supostos acontecimentos divinos que aconteceram durante a viagem de Vasco da

³ Graça Moura escreve o seguinte: «É natural que Camões tivesse contactado com o texto durante a própria viagem e assim, aferindo a realidade pelo documento (e vice-versa), fosse adquirindo e registando dados para uma epopeia que, salvo um ou outro pormenor e como creio já ter sido observado, ele afinal poderia ter escrito sem sair de Lisboa. E não deixa de ser paradoxal que, cantando a experiência deslumbrada do *novo* por oposição à fatigada sabedoria livresca, o poeta tenha dependido tanto do *já escrito* para a sua criação...» (Graça Moura, 1987: 157; reticências originais).

⁴ Apesar do Canto V ser narrado na perspectiva de Vasco da Gama, me refiro a Camões por causa da ideia geralmente aceita de que Camões se insere na narrativa e usa Gama como porta-voz para descrever muitas de suas próprias experiências marítimas.

Gama. Ele inventa a participação de Vénus, a Ilha dos Amores, a máquina do mundo e o confronto com Adamastor, então por que é que usa estes fenómenos em vez de inventar novos fenómenos sobrenaturais? Por que é que ele sente a necessidade de incluir tais acontecimentos num poema épico? Será que ele não sabe que incluir tais fenómenos no poema convidaria ao ceticismo quanto à sua veracidade? Segundo José António Saraiva e Óscar Lopes, Camões inclui fenómenos naturais para mostrar seu conhecimento do mundo natural e enfatizar «a contraposição da experiência e da observação directa à ciência livresca da Antiguidade» (Saraiva e Lopes, 1955: 328). Ou seja, Camões quer mostrar sua superioridade em comparação com os Antigos com base na sua experiência própria do mundo marítimo.

Enquanto Castro escreve um texto altamente científico (ou pelo menos tenta atingir esse nível de fidedignidade), ele também receia que outros não acreditem no que ele descreve. No prefácio a seu texto, ele explica o seguinte:

[N]este roteiro vão escritas muitas cousas que parecem estranhas e impossíveis, as quaes escreui medrosamente, não porque dellas não fosse muy certificado, mas por receo que tiue de sahir fora da openião comum; uendo de hũa parte que, escreuendoas, poria espanto nos que as lessem, e doutra que, dissimulandoas, caheria em culpa e negligencia. (Castro, 1882: 11-12)

Castro teme que suas descrições sejam desacreditadas por parecerem impossíveis. Apesar disso, ele decide manter esses trechos para poder comunicar o máximo possível sobre a viagem e sobre o que os mareantes enfrentam ao seguir a carreira da Índia. De um lado, Castro descreve e ilustra maravilhas que parecem ser (e de fato são) um desvio estimulante da monotonia de centenas de páginas de medidas de navegação e posicionamento no mar. Ou seja, a inclusão desses fenómenos naturais representa uma exceção ao tom do resto de seu texto, e esses fenómenos não parecem ser possíveis aos que não os viram.

Como disse acima, a inclusão desses fenómenos é também uma exceção ao resto d'*Os Lusíadas*, pois difere do tom e da abordagem do resto do texto. É uma breve seção de realismo, entre cantos e cantos de misticismo e intervenções divinas de deuses nos quais Camões não acredita de verdade. Estes trechos de Castro e Camões são, mesmo que narrados e descritos de forma semelhante, espelhos opostos — enquanto em um são momentos fantásticos num texto altamente realista, no outro são momentos realistas num texto altamente fantástico, em que abundam referências sobrenaturais.

Curiosamente, Camões, que vê agouros em tantas ações e momentos d'*Os Lusíadas*, não oferece nenhuma interpretação da tromba

marítima nem do fogo de Santelmo⁵. Isso é surpreendente, pois o fogo de Santelmo é visto e descrito como agouro na maioria dos demais textos que analisaremos. Na citação de *Moby Dick* no início deste trabalho, é visto por uns como agouro do mal; nos demais textos é visto como sinal de intervenção e proteção divina. Mas Camões, que atribui os desvios do perigo a Vénus e suas Ninfas, e as tormentas a Adamastor, não diz nada a respeito do fogo de Santelmo a não ser que «a marítima gente [o] tem por santo» (Camões, 1572: V, 18). Por que essa falta de atribuição divina? Talvez para que seja diferente do resto do texto e para que o leitor entenda que é de fato um fenómeno natural e real; Camões pode não querer confundir o leitor e lhe dar mais trabalho em separar o mítico do real. Neste trecho, tudo é afirmado e descrito de maneira científica, revelando seu propósito de defender sua fidedignidade como mareante e como observador do mar.

Tendo analisado um fenómeno descrito por Castro e Camões somente, passamos a um dos fenómenos que aparece em vários textos da época: o «fogo de Santelmo» (ou «Corpo Santo», dependendo da linguagem da fonte), que é uma descarga elétrica no ar que geralmente vem acompanhado de uma forte tempestade e se manifesta na forma de uma luz —

que parece uma chama — no topo de objetos pontiagudos, como os mastros, por exemplo (ver Fig. 2).



Fig. 2 — Desenho do fogo de Santelmo em Hartwig, G. (1886). «St. Elmo's fire on mast of ship at sea», em *The Aerial world*. Acedido em 17 de janeiro de 2019, em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Elmo%27s_fire.jpg.

Antonio Pigafetta menciona o fogo de Santelmo pelo menos quatro vezes no seu texto *The first voyage round the world*, explicando que a aparência da luz «comforted us greatly» (Pigafetta, 1874: 42). No ver de Pigafetta, o fogo de Santelmo é sinal de aprovação divina

⁵ Entre os demais textos-chave da literatura portuguesa de viagens, não encontrei nenhuma outra menção da tromba marítima, o que apoia o argumento de Graça Moura de que Camões tenha lido e usado o texto de Castro como fonte de inspiração para *Os Lusíadas*.

e de salvação; quem vê o fogo de Santelmo no meio de uma tempestade confia que ela vai passar e que já não há perigo mortal. Vários outros autores parecem ter a mesma atitude sobre esse fenômeno. O autor da *Relação do naufragio da nao Santa Maria da Barca* de 1559 (parte da *História trágico-marítima*, organizado por Bernardo Gomes de Brito) explica o seguinte:

Tem todos os homens do mar tamanha devoção e veneração ao Bemaventurado S. Frey Pero Gonçalves, e o tem por tão seo Advogado nas tormentas do mar, que crem de todo seu coração que aquellas exalaçoens, que nos tempos fortuitos e tormentosos apparecem sobre os mastros ou em outras partes das Naos, são o Santo que os vem visitar e consolar. E tanto que acercaõ de ver aquella exhalação, acòdem todos ao convès ao salvar com grandes gritos e alaridos, dizendo: Salva, salva, oh Corpo Santo. E affirmaõ, q̃ quando apparece nas partes altas, e são duas, tres, ou mais aquellas exhalaçoens, que he sinal que lhes dà de bonança: mas se apparece huma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufragio. (Brito, 1735: 313)

Aqui, o autor descreve detalhadamente as atitudes dos marinheiros quanto ao fogo de Santelmo, dizendo que eles acreditam que é um sinal divino. O autor não se inclui neste grupo, porém — ele diz que nunca viu a cera verde que o fogo supostamente deixa nos navios, e nunca usa o termo «nós», quando está des-

crevendo a crença no fogo de Santelmo como sinal divino de salvação.

Contudo, Henrique Dias, autor da *Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo* (que também faz parte da *História trágico-marítima* e que descreve a viagem de 1560) se inclui na atitude religiosa dos marinheiros — ele explica que «nos apparecêrão humas candeinhas, que todas foraõ vistas pelas vergas, e mastros, e bordos da Naõ; ao que, segundo os Mareantes, chamaõ o Corpo Santo» (Dias, 1735: 423). Depois de inicialmente sugerir uma distinção entre o comportamento dos mareantes e seu próprio comportamento, Dias apaga essas divisões e explica o seguinte:

Assim que toda a noite se foy nestes gritos e brados, andando sempre estas luzes com-nosco, naõ cessando nunca a gente de seos continuos rògos e clamores (que eu entendi na verdade ser algum Anjo mandado de Deos para nossa guarda e guia) pois em tal noite como esta, de tamanha escuridade e tempestade, com os focinhos em terra no rollo das ondas, nos sosteve, sem dar à Còsta, e passámos, sem o vermos, nem sabermos o como, por cima de restingas de meya legoa, em que o mar quebrava terribilissimamente; o que vendo-o despois, nem de dia muito claro, quieto, e sereno, vento em popa e galerno, hum Navio bem pequeno pudera mal passar. (Dias, 1735: 424)

Enquanto o autor da narrativa anterior (a da *Santa Maria*) explica detalhadamente a atitude tradicional entre os marinheiros deste fenô-

meno, ele não chega a se incluir no grupo dos supersticiosos e crentes no poder do santo. O autor deste relato, porém, se junta aos crentes e declara que é verdadeiramente um sinal de salvação divina e de que tudo daria certo.⁶

Frei João dos Santos, em seu texto *Ethiopia oriental* (publicado em 1609), vai ainda mais longe que os outros. Tal como o autor da narrativa sobre a *Santa Maria*, ele descreve a superstição dos marinheiros, mas toma cuidado para separar-se de «toda a mais gente da ná», na descrição da atitude geral de adoração de «S. Pero Gonçalvez Telmo», que «nomeiam ou por S. Pero Gonçalvez, ou por S. Telmo, ou por Corpo Santo» (Santos, 1891: 177). Mais adiante, Santos descreve «um soldado, que [o autor] presumia de prudente, e exforçado», que se ajoelha e ora ao santo, dizendo: «Adoro-vos meu Senhor S. Pero Gonçalvez, vós me salvae n'este perigo por vossa misericordia» (p. 178). Enquanto o marinheiro inicialmente parecia ao autor ser «prudente» e «exforçado», Santos implica que tal comportamento revela sua tolice e falta de entendimento. Santos admoesta o marinheiro, dizendo que ele não

deveria falar assim — que «aquella adoração só a Deus se fazia» (p. 178). Contudo, apesar de criticar este marinheiro e insinuar que ele seja ingênuo (e um tanto herético, por louvar a um santo em vez de louvar a Deus), Santos explica na mesma página que «Com a vista do Corpo Santo cobrámos todos muito esforço e confiança de nossa salvação» (p. 178). Ao incluir-se no grupo dos que interpretam o fogo de Santelmo como sinal de salvação, Santos revela sua atitude ambivalente quanto ao fenómeno. De um lado, ele critica a crença supersticiosa dos marinheiros e da «gente» do navio; de outro, ele mesmo se consola na vista de tal «figura de luz mui resplandecente» (p. 177), mas sempre tomando cuidado para dar graças a Deus, não ao santo (p. 178).

Em todos os relatos analisados até agora, elemento constante na descrição do fogo de Santelmo é a atitude dos marinheiros, que creem no poder de S. Frey Gonçalves e na interpretação positiva do fogo de Santelmo. Onde esses relatos divergem é na atitude do autor quanto aos marinheiros — uns se juntam aos marinheiros na crença firme de que estão

⁶ Eles de fato sobrevivem em meio a muitos perigos, mas no outro dia, como escreve Dias, «se nos deo salvação e vida no Cabo de Boa Esperança, aqui no la tornou a tirar, pois nos destruiu, e matou a todos, huns acabando logo, e fugindo de trabalhos desta vida, outros morrendo por mil maneiras de cruexas, e os mais estillados, consomidos com inescrutaveis e incrediveis trabalhos, e experimentando todas as miserias humanas» (Dias, 1735: 424-25). Enquanto o navio naufraga, o autor afinal de contas mantém sua atitude religiosa e moralizante, concluindo sua narrativa assim: «Muitos e differentes são os açoutes do peccador; e todas estas fortunas, e fadigas, e outras differentes destas, estão profetizadas para todos aquelles que navegaõ, e andaõ sobre as agoas do mar» (p. 478). O autor afirma que os que são fiéis a Deus ouvirão as seguintes palavras: «Vem bom servo e fiel porque em pouco foste fiel, sobre grandes couzas te porey; entra em o prazer e contentamento de teo Senhor, que he a Gloria. A qual elle por sua bondade nos queira dar» (p. 479). Apesar de todas as dificuldades pelas quais passou, o autor afirma a supremacia de Deus e seus propósitos em testar — mas afinal de contas preservar — os justos.

sendo protegidos e outros distanciam-se do grupo, enquanto Frei João dos Santos tenta convertê-los a outro entendimento doutrinal. Em contraste com esses autores, D. João de Castro e Camões descrevem o fenómeno sem nenhuma suposição quanto à significância de tais fenómenos naturais – eles se ocupam em registrar somente, não em interpretar.

O fogo de Santelmo não foi observado na primeira viagem de Castro; foi observado na viagem de 1545, sete anos depois da viagem principal descrita no texto. Ao descrever o fogo, Castro adota um distanciamento dos marheiros, dizendo que «nos apareceu a apparencia ou signal a que os navegantes chamam Corpo Santo» (Castro, 1882: 281). Como discutido acima, a sutil diferenciação entre o «chamam» e «chamamos» implica uma interpretação menos supersticiosa do fenómeno, em favor de um olhar mais crítico. Enquanto outros autores enfocam as origens religiosas da interpretação do agouro e os termos usados para descrever o fenómeno, Castro se ocupa em descrever nitidamente o acontecimento:

Primeiramente o vimos na ponta do mastareo da gavia, e depois no lays da verga, e depois na ponta do mastro da mesma e depois na enxarcea. Esta apparencia a que chamão Corpo Santo era hũa claridade tamanha como a que costuma fazer uma candea ou vella, mas a sua luz não era vermelha como fogo, mas prateada a semelhança da que se vê na lua; e quando dava algum relampago não apparecia este sinal, Porẽ como passava o resplendor

do relampago, tornava apparecer, quando nos appareceo este sinal chuvia, e o céu estava escuro e cerrado, e foi cousa muito patente e sem nenhũ engano da vista, e parecia misterio e segredo da natureza. (Castro, 1882: 281-282)

Nesta descrição não podemos identificar nenhum traço de interpretação, senão de descrição diligente e integral – o fenómeno «*parecia* misterio e segredo da natureza», mas Castro não afirma que o é (cf. p. 282; itálicos nossos).

Aqui vale acrescentar algumas observações sobre a atitude de Castro. Ao discutir as contradições das medidas e o dilema que ele enfrenta, ao tentar localizar-se na rota à Índia (tema que ocupa a maioria das páginas do texto), Castro explica que «não podemos alcançar» a explicação do movimento do sol em relação ao esperado (p. 355). Ele não entende esse fenómeno por completo, mas sabe que alguém pode entender. Não atribui isso à mágica nem ao poder de Deus; ele sabe que deve ter uma explicação científica e, embora ele não a tenha, sabe que pode ser encontrada. O trecho sobre o fogo de Santelmo é mais uma amostra da abordagem científica e fria de Castro, não ousando interpretar os fenómenos senão ao descrevê-los, e deixar a interpretação a homens mais instruídos, tal como o matemático e cosmógrafo Pero Nunes, a quem Castro se sujeita: «mas parece que nos enganaria esse dia algũa apparencia, a qual não podemos alcançar, como nos acontece nas maes das cousas e segredos da natureza; mas, como

quer que seja, fique a soltura desta duvida pera o doctor pero nunez» (pp. 355-356).

Camões segue o comportamento de Castro, embora dedique menos espaço a sua descrição do fogo de Santelmo: «Vi, claramente visto, o lume vivo / Que a marítima gente tem por santo / Em tempo de tormenta e vento esquivo, / De tempestade escura e triste pranto» (Camões, 1572: V, 18). Isso parece distinguir sua visão do fenômeno da visão dos marinheiros – enquanto nos outros momentos do texto ele parece estar se inserindo no grupo da «marítima gente», aqui ele distancia sua identidade da dos mareantes. Porquê? Talvez seja mais uma tentativa de parecer objetivo e dar mais credibilidade a sua descrição desse fenômeno. Aceitar a explicação religiosa ou supersticiosa do fenômeno seria sancionar explicações não-científicas e arriscar sua

imagem de observador culto e imparcial. Ou, como Vasco Graça Moura explica,

Camões não se opõe todavia ao enquadramento racional, e até científico, dos dados empíricos – e nisto coincide com D. João de Castro, menos no facto de não formular tal enquadramento como imprescindível – pois este pode também ser o sentido de V, 23: «Se os antigos Filósofos [...] as maravilhas que eu passei passaram [...] que grandes escrituras que deixaram!». Mas, enquanto aqui se trata de uma *não-oposição* de princípio, em D. João de Castro estamos perante uma *exigência* de princípio. (Graça Moura, 1987: 152; *italico original*)

Ao afirmar que viu «claramente visto», Camões prioriza o empirismo e a experiência acima dos textos dos antigos filósofos, que também tinham conhecimento do fogo de Santelmo.⁷

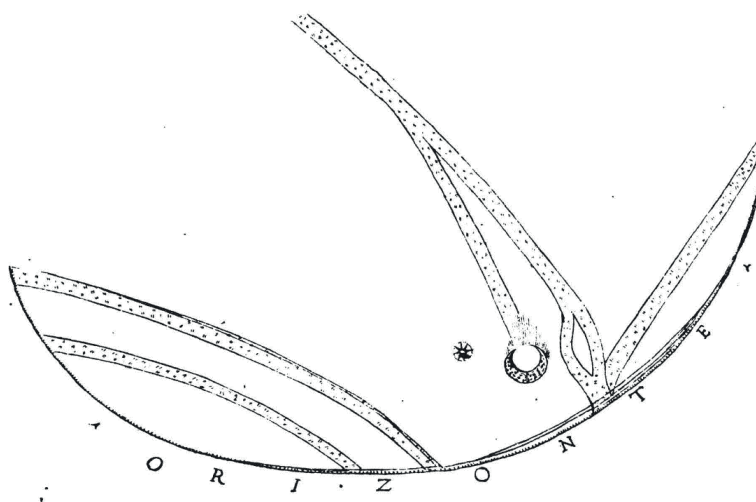


Fig. 3 – Desenho do «halos lunar», incluído no *Roteiro de Lisboa a Goa*, por D. João de Castro (1882: 344).

⁷ O fato de Camões não ter recorrido a Plínio para comprovar a realidade do fogo de Santelmo enfraquece o argumento de Graça Moura de que Camões usou o texto de Castro como base para sua descrição do fogo de Santelmo, pois Castro explica: «D'este signal falla Plinio no livro II, cap. 37 e Arist. no *Metauros*» (Castro, 1882: 282). Se Camões realmente tivesse se inspirado no *Roteiro* de D. João de Castro, ele teria sabido dessa referência clássica e talvez a teria usado como fonte de apoio para sua descrição.

Analiseemos brevemente dois outros fenômenos naturais descritos por Castro no *Roteiro*.⁸ O primeiro é a bioluminescência de «manga de peixe que auia pouco desouara» e que se vê quando a água fica agitada (Castro, 1882: 113). Este fenômeno, tal como os outros no texto de Castro, é descrito de maneira científica, ainda que brevemente: «esta noite no quarto da prima vimos muitas malhas brancas pello mar, que parecião de leite, e tomou grande espaço» (p. 112). Enquanto para alguns são motivo de «muito espanto», para Castro são mais um fenômeno a ser registrado no seu texto, mesmo que ele não saiba como chamar ou descrever essa bioluminescência. Há também no *Roteiro* a descrição de «hũas listras ou barras muito compridas» que parecem sair da lua, e que o editor João de Andrade Corvo, na edição de 1882, chama de «*halos* lunar» e explica em muito detalhe (p. 344; ver Fig. 3). Castro descreve esse fenômeno assim: «a lũa estaua antre estas duas listras e a muito grande, e da mesma lũa sahia outra listra, que se hia acabar na grande; erão estas mostras tão fermosas e dignas de se contemplarem, que mandey aquy pintar a mostra que fazião» (p. 344). Mais uma vez, Castro não consegue explicar o fenômeno, mas quer registrá-lo para que outros possam explicar e interpretá-lo.

Afinal de contas, o que podemos sintetizar dessa comparação toda é que fenômenos naturais são um elemento recorrente na literatura portuguesa de viagens nos séculos XVI e XVII. A atitude dos que escrevem sobre esses fenômenos varia de um autor para outro, mas a atitude de cada um perante esses episódios nos dá indícios sobre seu projeto literário. No caso de Camões, a descrição dos fenômenos naturais o ajuda a estabelecer sua autoridade como conhecedor do mar e de seus mistérios, graças à sua experiência no mar e às coisas que viu «claramente visto» (Camões, 1572: V, 18). Discutindo o projeto de Camões, António José Saraiva e Óscar Lopes escrevem que

Camões não quis apenas fazer uma enciclopédia histórica, mas também uma enciclopédia naturalista, contrapartida quanto possível real do antigo maravilhoso homérico. Para isso, descreveu impressivamente regiões, situações estranhas e fenômenos naturais mal conhecidos e expôs uma visão geral do universo segundo a concepção ptolomaica, ainda corrente na sua época. [...] [O] poeta procura avivá-las [suas descrições] recorrendo a imagens muito vivas: tal a descrição [...] da tromba marítima, comparada nas suas várias fases a uma sanguessuga chupando o sangue, a uma coluna, em pé, um cano, um «vaporzinho». [...] Esta capacidade de notação do mundo sensorial faz também de *Os Lusíadas* a obra mais elaborada da literatura naturalista

⁸ Entre os textos desta época, não encontrei descrições destes dois fenômenos a não ser no texto de Castro.

portuguesa de Quinhentos. (Saraiva e Lopes, 1955: 321)⁹

Não me atrevo a afirmar que este projeto naturalista seja o único ou o principal projeto de Camões ao escrever *Os Lusíadas*, mas a análise desses fenômenos mostra claramente que é um dos vários projetos camonianos centrais.

No caso de D. João de Castro, a descrição nítida dos fenômenos naturais evidencia sua dedicação a contar as coisas como realmente são (ou parecem ser). Castro admite quando não entende algo, e ao longo do texto persiste em registrar informações imperfeitas em termos das medidas navegacionais, para todos verem. Ele se desculpa pelos erros afirmando que «atee o dia de oie [os caminhos e os mares] não são acabados de nauegar» (Castro, 1882: 86). Num trecho que considero ser emblemático do livro inteiro, Castro explica: «e por o sol andar mal visto o não tomei nem o

piloto, porém o mestre e o calafate *o tomarão o melhor que pudérão*» (p. 122; itálicos nossos). A preocupação de Castro em medir as coordenadas e em registrar todas as medidas é impressionante (e um pouco insosso, às vezes). Mesmo reconhecendo que suas medidas são imprecisas devido a vários fatores, Castro sente a importância de registrar tudo que vê da melhor maneira possível, para que outros consigam usar essas informações e aperfeiçoá-las, tal como ele faz com as noções de Ptolomeu ao longo do *Roteiro*.¹⁰ Seu compromisso em contar o que vê se nota vez após vez na abordagem adotada na descrição dos fenômenos discutidos. Castro não interpreta ou atribui um significado divino a esses processos; ele apenas descreve e deixa a interpretação a outros.¹¹

No caso dos autores incluídos na *História trágico-marítima* (e até certo ponto no caso de Pigafetta), seu propósito de descrever os perigos

⁹ Mais adiante, os estudiosos discutem a «contraposição da experiência e da observação directa à ciência livresca da Antiguidade. Trata-se de uma ideia característica dos grupos ligados à actividade marítima — astrónomos, pilotos, construtores de barcos, viajantes — que, para possibilitar a navegação no alto mar, tiveram de criar uma técnica apropriada com base na experiência, visto que nos livros não encontravam a chave do problema; e que, por outro lado, tiveram ocasião de verificar a falsidade de noções correntes na literatura geográfica medieval e antiga [...]. N'Os *Lusíadas* encontra-se, mais de uma vez, a observação de que os Antigos ignoraram regiões descobertas pelos Portugueses, e descrevem-se fenómenos a que os livros não se referem, como a tromba marítima, cuja descrição termina com este repto: «Digam agora os sábios da Escritura / que segredos são estes de natura.» [...] A verdade é que as descrições camonianas de fenómenos meteorológicos, regiões geográficas ou da cosmologia ptolomaica subentendem uma atitude bem mais contemplativa do que inquisitiva (Saraiva e Lopes, 1955: 328-29).

¹⁰ Outro episódio interessante sucede quando Castro afirmam a certa altura, que «o mestre tomou o melhor que pôde, mas por lhe eu dar pouca auctoridade, o não ponho aquy» (Castro, 1882: 203). Nesta passagem é-nos apresentada uma humanização dos marinheiros, e o compromisso que Castro sente em registrar tudo que é principalmente confiável (ainda que suas informações possam ser imperfeitas ou imprecisas) e rejeitar tudo que não é muito confiável.

¹¹ Embora Castro mencione Deus várias vezes no seu texto e conclua a narrativa afirmando que chegaram a Goa «maes por a bondade de nosso senhor que por nossos merecimentos, arte e saber» (Castro, 1882: 375), sua perspectiva no texto é prioritariamente científica, com relativamente pouca menção de Deus, quando comparada com a predominância de medidas científicas e matemáticas.

do mar e de expressar fé em Deus é fortalecido pelo aparecimento de fenômenos que carregam simbolismo cristão nos olhos dos marinheiros. O estudioso Steve Mentz explica que em narrativas de naufrágios, «Human skill fails, leaving divine power – “as God pleased” – in total control. Seamanship cannot endure naked encounters with the sea» (Mentz, 2015: 16). Mais adiante ele afirma que, na *História trágico-marítima*, «Religion and maritime experience coexist uneasily», pois após invocar a vontade de Deus nos naufrágios narrados, vemos explicações empíricas dos naufrágios, o que é um tanto contraditório (p. 12). Mentz também discute a visão providencialista dos naufrágios, que depende de

a hermeneutic process according to which eternal or panhistorical truths exist but lie hidden behind a veil that renders them invisible to human knowledge. Thus, events in the world appear contingent, to mortal eyes, but really are Providential, in terms of God's plan. (Mentz, 2015: 6)

Para os autores incluídos na coleção de Bernardo Gomes de Brito (*História Tragico-Marítima*), vemos uma clara invocação da vontade de Deus nas explicações do fogo de Santelmo e nos acontecimentos que seguem esses sinais divinos de salvação. Seguindo essa mesma linha, para João dos Santos (*Ethiopia oriental*) – padre católico com a meta de ensinar e inspirar as pessoas ao seu redor – o fogo de Santelmo representa uma oportunidade

de mostrar sua superioridade espiritual e sua capacidade de corrigir e ensinar as pessoas mesmo nas condições mais extremas, fortalecendo sua imagem de servo de Deus fiel.

Escrevendo sobre narrativas de viagens marítimas da América do Norte durante o século XVII, Julie Sievers afirma o seguinte: «Sea providence narratives [...] reveal how individuals' wondrous experiences at sea were presented to politically and socially validate the English colonies in New England» (Sievers, 2006: 746). Podemos afirmar o mesmo sobre a literatura portuguesa de viagens? Esta pergunta merece mais estudo e pesquisa cuidadosa, mas por enquanto creio plausível concluir que, de modo geral, a resposta é «sim» – o autor de cada uma das narrativas analisadas apresenta (ou consciente ou inconscientemente) os fenômenos naturais de maneira a validar sua ótica política ou social no Portugal dos séculos XVI e XVII. Para João dos Santos e os autores das narrativas na *História trágico-marítima*, o propósito parece ser o de demonstrar a onipotência de Deus e persuadir os leitores (e os marinheiros) a confiarem Nele. No caso de Camões e de Castro, suas descrições apoiam a tese de que a experiência é insubstituível na busca do conhecimento e que ler livros não basta para conhecer o mundo.

Comecei este trabalho citando a famosa passagem de *Moby Dick* em que Ahab vê o fogo de Santelmo e grita «Look up at it; mark it well; the white flame but lights the way

to the White Whale!» (Melville, 1851: 119). No fenómeno elétrico, Ahab vê o símbolo de seu desejo mais íntimo: o de matar Moby Dick. Para os textos analisados neste trabalho, há um processo análogo: a interpretação daquela «white flame» – a chama branca do fogo de Santelmo (e a interpretação dos outros fenômenos discutidos) – ilumina o caminho para entender o cerne de cada uma dessas obras, junto com pelo menos um dos argumentos fundamentais de seus autores.

Bibliografia

- Brito, B.G. (org.) (1735). Naufragio da nao Santa Maria da Barca. *História trágico-marítima*. Lisboa Occidental. Lisboa: pp. 309-350;
- Camões, L.V. (1572). *Os Lusíadas* [versão eletrônica]. Acedido em 17 de janeiro de 2019, em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/3333>;
- Castro, D. João de (1882). *Roteiro de Lisboa a Goa*. (Ed. João de Andrade Corvo). Academia Real das Sciencias. Lisboa;
- Crato, N. (2005). St. Elmo's fire in the literature of journeys. *Instituto Camões*. Acedido em 17 de janeiro de 2019, em: http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia_eng/e39.html;
- Dias, H. (1735). Relação da viagem, e naufragio da nao S. Paulo. Em: Bernardo Gomes de Brito (ed.), *História trágico-marítima*. Lisboa Occidental. Lisboa: pp. 351-479;
- Graça Moura, V. (1987). *Os penhascos e a serpente, e outros ensaios camonianos*. Quetzal. Lisboa;
- Melville, H. (1851). *Moby Dick; or, the whale* [versão eletrônica]. Acedido em 17 de janeiro de 2019, em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/2701>;
- Mentz, S. (2015). *Shipwreck modernity: Ecologies of globalization, 1550-1719*. University of Minnesota Press. Minneapolis;
- Pigaffeta, A. (1874). *The first voyage round the world* [versão eletrônica]. (Trad. Lord Stanley of Alderley). Acedido em 17 de janeiro de 2019, em: https://en.wikisource.org/wiki/The_First_Voyage_Round_the_World/Pigafetta%27s_Account_of_Magellan%27s_Voyage;
- Santos, J. (1891). *Ethiopia oriental*. vol. 2. (Ed. Mello d'Azevedo). Bibliotheca de Classicos Portuguezes. Lisboa;
- Saraiva, A.J., e Lopes, O. (1955). *História da literatura portuguesa*. (3.^a ed.). Porto Editora. Porto;
- Sievers, J. (2006). Drowned pens and shaking hands: Sea providence narratives in seventeenth-century New England. *The William and Mary Quarterly*, 3.^a série, **63** (4): 743-776.